

Clarice Maria Silva Campos

**Carolina Maria de Jesus: a literatura produzida pela mulher negra brasileira como forma de resistência social e preservação da memória**

Projeto apresentado à professora Soraia Reolon, como trabalho final da disciplina Metodologias da Pesquisa, do Programa de Pós-graduação em Memória e Acervos da Fundação Casa de Rui Barbosa.

Rio de Janeiro

Outubro/2020

**Fundação Casa de Rui Barbosa**  
Programa de Pós-Graduação em memória e Acervos  
Mestrado Profissional em Memória e Acervos

Clarice Maria Silva Campos

**Carolina Maria de Jesus: a literatura produzida pela mulher negra brasileira como  
forma de resistência social e preservação da memória**

Linha de pesquisa 2 – Práticas Críticas em  
Acervos: Difusão, Acesso, Uso e Apropriação  
do Patrimônio Documental Material e  
Imaterial.

Rio de Janeiro

2020

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>4</b>
<b>1 OBJETIVOS.....</b>	<b>7</b>
<b>1.1 Objetivos gerais.....</b>	<b>7</b>
<b>1.2 Objetivos específicos .....</b>	<b>8</b>
<b>2 JUSTIFICATIVA .....</b>	<b>8</b>
<b>3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....</b>	<b>9</b>
<b>4 METODOLOGIA.....</b>	<b>10</b>
<b>5 CRONOGRAMA DA PESQUISA .....</b>	<b>10</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>10</b>

## INTRODUÇÃO

Ao observar a história brasileira, verifica-se que há um discurso colonizador e hegemônico, carregado de significados que há muito vêm sendo impostos e fixados em nosso cotidiano. Nesse painel, identifica-se a mulher como minoria, sobretudo a negra. Em meio a essa sociedade, como seria o discurso de uma mulher negra?

O tema do presente projeto de pesquisa relaciona-se com o discurso da mulher negra no âmbito da literatura, tendo como ponto de partida a obra de Carolina Maria de Jesus (1914-1977), especialmente o livro *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. Escritora nascida em Minas Gerais, mãe de três filhos, moradora em uma favela na cidade de São Paulo, constrói esse livro como um diário, um depoimento de sua vida, seus filhos e vizinhos da favela, com a intenção de pensar a escrita e a própria percepção sobre a sua condição social. Foi publicado pela primeira vez pela Livraria Francisco Alves em 1960. Joel Rufino dos Santos destaca que por meio de Carolina Maria de Jesus, podemos avistar melhor acontecimentos, tão distantes entre si como a qualidade literária, o populismo, a origem das favelas, o racismo, o golpe de 64, o êxodo rural, etc. (SANTOS, 2009,P.22).

Com o título “Carolina Maria de Jesus: a literatura produzida pela mulher negra brasileira como forma de resistência social e preservação da memória”, esta pesquisa pretende abordar a relevância na contemporaneidade da obra de Carolina Maria de Jesus, que, mesmo não se encaixando na norma culta, é reconhecida como uma grande escritora, capaz de emocionar ao revelar a situação da vida nas favelas.

A narrativa de Carolina apresenta questões da urbanização e dos problemas sociais que dela resultam como as acomodações impróprias e precárias, questões relacionadas a: saúde dos moradores, fome, higiene, acesso a água e eletricidade, política, desigualdades, violência, além da falta de privacidade.

Ocuparemos também da invisibilidade da mulher, dos preconceitos raciais, das questões das mulheres negras, da memória e da identidade e de como estes temas estão presentes em sua obra a partir da sua trajetória de vida e da escrita como lugar de resistência e representação do cotidiano. Diante dessa reflexão, destacaremos a obra de Carolina descrevendo a própria realidade da comunidade de onde ela fala. Carolina era moradora da favela do Canindé. Ao descrever seu dia a dia, descreve também a situação das favelas brasileiras, que surgem no cenário após o fim da escravidão no Brasil no final do século XIX.

Carolina foi, pode-se dizer, uma guerreira valente contra as tropas da herança racista anti-interiorana, preconceituosa em relação às mulheres e, sobretudo,

uma pessoa afrontadora da marginalidade e da negligência política. Rebelava-se sozinha e por isso jamais chegou a ser revolucionária ou heroína permanente. Sequer foi musa de causas coletivas. Houve um momento em que, ainda que de maneiras contraditórias e estranhas, ela cabia em todas as frentes, e ao mesmo tempo não servia por longo período a nenhuma. Por isso é provável que tenha sido deixada por todos. De qualquer forma, não se rendeu ao Estado ou a instituições, nem a maridos, ainda que muitas vezes estivesse tão próxima de adulá-los como de feri-los. (MEIHY; LEVINE, 2015, p.21).

Por fim focaremos a discussão a respeito da dicotomia entre a língua padrão e a informal utilizada por Carolina Maria de Jesus. As expressões da língua popular e as marcas da oralidade presentes em sua obra com efeitos, traços e manifestações de alguém com baixa escolaridade. “Falar uma Língua significa assumir um mundo, uma cultura.” (FANON,2008, p.33).

A exclusão identificada em outros setores da sociedade aparece também na literatura, indicando que alguns não estão autorizados a expor seus conteúdos. O processo de produção literária está vinculado à elite dominante, assim, a obra de Carolina sob o ponto de vista da utilização de variantes não padrão, pelo conteúdo da narrativa e pelo lugar de onde ela fala é menos prestigiada em detrimento do cânone.

O preconceito linguístico é tanto mais poderoso porque, em grande medida, ele é “invisível”, no sentido de que quase ninguém se apercebe dele, quase ninguém fala dele, com exceção dos raros cientistas sociais, que se dedicam a estudá-lo. Pouquíssimas pessoas reconhecem a existência do preconceito linguístico, que dirá sua gravidade como um sério problema social. E quando não se reconhece sequer a existência de um problema, nada se faz para resolvê-lo (BAGNO, 2015, p. 22).

Carolina Maria de Jesus nasceu no ano de 1914 em Sacramento, interior do Estado de Minas Gerais, onde passou a infância. Estudou até o segundo ano primário. No tempo em que residiu em Minas Gerais, trabalhou na roça com a mãe e como empregada doméstica. Como descreve Joel Rufino dos Santos (2009, p.31), “numa rua de terra, serpenteando um córrego, a heroína passou a infância, canelas altas e finas, marcadas de feridas. Todas as casas ali eram marcadas com capim”.

Em 1937, mudou-se para São Paulo. Habitou em cortiços na região central da cidade. Trabalhou como empregada doméstica em diversas casas até que, grávida de seu primeiro filho, já não a aceitavam para esse tipo de serviço. Mudou-se para a favela do Canindé, às margens do Rio Tietê e teve mais dois filhos. Três ao todo, dois meninos e uma menina, cada um de um pai diferente.

Hoje moradores da favela preferem chamar seu bairro de comunidade, mas nem sempre foi assim. Há cinquenta anos atrás, favela era um nome aceitável, talvez por não estar ainda malsinado pelos moradores do asfalto como refúgio do “crime organizado”. (SANTOS, p.49).

Quando *Quarto de despejo* foi publicado pela primeira vez (1960), teve a sua edição de dez mil exemplares esgotada na primeira semana de lançamento. Carolina passou a ser assunto em jornais e revistas. Estiveram presentes no lançamento, além de uma multidão, artistas e autoridades, como o ministro do Trabalho de Juscelino Kubitscheck - João Batista Ramos.

O dinheiro da venda dos livros permitiu que Carolina comprasse uma casa no bairro de Santana, onde morou com os filhos até 1964, quando se mudaram para Parelheiros, a quarenta quilômetros de São Paulo. Lá viveu de uma pequena plantação e criação de animais (porcos e galinhas).

Em 1966, os jornais voltam a falar da autora. Teria sido vista na rua Helvetia, maltrapilha e exercendo a "profissão" que sempre exerceu nos anos em que morou na favela: a de catadora de papéis. Queixa-se, na ocasião, das dificuldades que tem para conseguir trabalho e mesmo de vender o que recolhe pelas ruas. Os comerciantes da pobreza se recusam a negociar o lixo da cidade com uma estrela. Entre parênteses, a situação de Carolina Maria de Jesus, nestas circunstâncias, é muito parecida com a dos negros do Cafundó que, postos em evidência por pesquisadores e jornalistas, em virtude do vocabulário africano conservado ativamente em sua comunidade, passaram a ter sérias dificuldades para encontrar trabalho como diaristas, sob a alegação dos patrões de que artistas não precisam trabalhar (VOGOT,1983).

Carolina faleceu no dia 13 de fevereiro de 1977 na casa do filho José Carlos, deixando um legado literário que representa bem mais do que a descrição dos seus dias, abrindo espaço para reflexões profundas a respeito da realidade da mulher negra na sociedade brasileira.

Examinando as questões abordadas por Carolina Maria de Jesus, percebe-se que os temas desenvolvidos em 1960 continuam extremamente atuais. Entretanto, diante das transformações sociais e da luta pela conquista de espaço, buscando ter sua voz ouvida pela sociedade, há modificações no discurso empregado pelas autoras negras hodiernamente, bem como na própria forma de manifestação e nos meios empregados para tal (considerando os adventos tecnológicos e as novas maneiras de disseminação de informação).

Nesse diapasão desenvolve-se a seguinte questão: Considerando a sociedade brasileira, que viveu um grande ciclo da escravidão negra e foi constituída sob o modelo patriarcal, de que

maneira a literatura produzida pela mulher negra pode ser compreendida como uma ferramenta de resistência social?

Pretende-se responder a pergunta com a investigação da literatura desenvolvida por Maria Carolina de Jesus, que com papel e caneta traduziu de forma tão palpável sua realidade, culminando nos atuais meios de comunicação e pontos de vista mais recentes desenvolvidos pelas mulheres negras que se incumbem de trazer à literatura seus conhecimentos e vivências.

## **1. OBJETIVOS**

### **1.1 Objetivo Geral**

Contribuir com os estudos a respeito da literatura produzida pela mulher negra como forma de resistência social e preservação de sua memória tendo como ponto de partida a obra de Carolina Maria de Jesus, especialmente o livro *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*.

### **1.2 Objetivos Específicos**

- Estudar sobre questões presentes na obra de Carolina Maria de Jesus: costumes e a história da própria autora, cotidiano miserável, mãe, escritora, violência, miséria, fome.
- Analisar de forma crítica a importância da literatura como ferramenta de resistência social e preservação da memória social de um grupo, com foco no objeto de pesquisa do presente trabalho, qual seja: a literatura produzida pela mulher negra brasileira.

## **2. JUSTIFICATIVA**

Benjamin (1994) sugere que somente o entendimento de que uma experiência vale a pena ser narrada faz com que indivíduos se tornem narradores. Carolina lança mão de acontecimentos ligados ao cotidiano da favela onde vive para tecer sua narrativa.

Carolina Maria de Jesus foi descoberta pelo jornalista Audálio Dantas, que a conheceu quando foi escrever uma matéria sobre a favela Canindé. O jornalista a ajudou a publicar o livro *Quarto de despejo: diário de uma favelada*.

Assim, Carolina produziu a sua obra, escritora no contexto da exclusão produzida pelos estigmas de marginalização social. Ela era negra, pobre, neta de pessoas escravizadas, favelada e estudou apenas os dois primeiros anos do ensino formal.

A autora é também personagem e não apenas mera observadora externa da vida na favela. A escrita memorialística de Carolina narra a miséria de dentro da sociedade brasileira durante os “anos dourados” da década de 1950.

[...] Nós somos pobres, viemos para as margens do rio. As margens do rio são lugares do lixo e dos marginais. Gente da favela é considerado marginais. Não mais se vê os corvos voando as margens do rio, perto do lixo. Os homens desempregados substituíram os corvos”. (JESUS, 1997, p.48).

Carolina ficou famosa pelo seu diário que se tornou best-seller, embora tenha escrito peças de teatro, romance e poesias. A autora subverteu a lógica excludente e hierárquica e por meio de sua obra se apresentou de dentro da favela para o mundo. Seu livro rendeu a Carolina grande, porém efêmera, notoriedade. “Passados apenas seis anos do estrondoso sucesso de seu diário, ela teve que se mudar para uma parte pobre da cidade de São Paulo. Voltou às bordas da miséria e foi fotografada pegando papel na rua.” (MEIHY; LEVINE, 2015, p.45).

Em seu diário, Carolina denuncia os processos de exclusão e os preconceitos dos quais era vítima. O lugar de onde Carolina fala revela as histórias das lutas, dos sofrimentos e dos desejos de transformação, além da condição do feminino. A autora é observadora e ao mesmo tempo participante, configurando-se como uma espécie de porta-voz de todos que habitavam aquele espaço. Salgueiro (2004) nos fala que: “escrevendo da perspectiva mulher e negra, as escritoras de origem africana examinam a individualidade e as relações pessoais como uma forma de compreensão de questões sociais complexas”.

Considerando questões como o preconceito e as constantes lutas por conquista de espaço contra o racismo e o sexismo, esse trabalho tem como relevância social a disseminação do conhecimento a respeito das ações desenvolvidas pelas mulheres negras em prol de seu reconhecimento social, com destaque para a literatura.

Consequentemente a relevância científica se traduz na colaboração com os estudos a respeito da literatura como ferramenta de resistência e preservação da memória social de um grupo, tendo como objeto a literatura produzida pela mulher negra brasileira.

Desta forma, desenvolveremos o trabalho na linha de pesquisa 2: Práticas Críticas em acervos: Difusão, acesso, Uso e apropriação do Patrimônio Material e Imaterial.

### **3.FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

O tema a ser desenvolvido baseia-se na ideia de poder proposta por Foucault (1999), segundo a qual o poder circula em cadeia sendo o indivíduo o seu centro de transmissão. Buscaremos a investigação sobre uma personagem marcada pela invisibilidade e narrativas que podem libertar identidades presas pela História.

Analisaremos também a obra de Carolina sob o ponto de vista da utilização de variantes não padrão e menos prestigiadas utilizando para tanto os estudos de Marcos Bagno (2015).

A escolha do tema fundamentou-se na aproximação entre identidade e memória, que é a faculdade primeira, que alimenta a identidade. (CANDAU, 2019). A memória fortalece a identidade individual e a memória coletiva. Halbwachs (2004) aponta ainda a necessidade de pontos em comum para que a nossa memória individual seja beneficiada pelas lembranças narradas pelo outro.

Para que nossa memória se beneficie da dos outros, não basta que nos tragam seus testemunhos; é preciso também que ela não tenha deixado de concordar com suas memórias e que haja suficientes pontos de contato entre ela e as outras, para que a lembrança que os outros nos trazem possa ser reconstruída sobre uma base comum (HALBWACHS, 2004, p. 12).

Utilizaremos ainda os mecanismos de controle sociais exercidos pelas classes burguesas, a marginalização do negro na sociedade, a desconsideração de suas histórias e suas culturas a partir da obra *A integração do negro na sociedade de classes* de Florestan Fernandes (1978).

### **4.METODOLOGIA**

A pesquisa será investigativa e desenvolvida a partir de fontes bibliográficas, artigos científicos, materiais videofonográficos, bem como por meio da participação de eventos condizentes com a temática a ser trabalhada.

### **5.CRONOGRAMA DE PESQUISA**

AÇÃO	ANO 2020											ANO 2021											
	MESES																						
	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	
Levantamento bibliográfico	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X													
Disciplinas					X	X	X	X	X	X	X	X	X										
Revisão bibliográfica					X	X	X	X	X	X	X	X	X										
Redação do texto final									X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	
Elaboração de tabelas e edição de materiais									X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	
Qualificação																		X					
Entrega da dissertação																						X	
Defesa da dissertação																						X	

## REFERÊNCIAS

BAGNO, Marcos. *Preconceito linguístico: o que é, como se faz*. 56ª ed. São Paulo: Parábola, 2015.

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

CANDAU, Joël. *Memória e identidade; tradução Maria Letícia Ferreira*. São Paulo: Contexto, 2019.

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador. EDUFBA, 2008.

FERNANDES, Florestan. A integração do negro na sociedade de classes. 3. ed. São Paulo: Ática, 1978, v.1.

HALBWACHS, M. A memória coletiva (LT Benoir, Trad.). São Paulo: Centauro Editora. (Original Publicado em 1950), 2004.

FOUCAULT, Michel. Microfísica do poder. 14.ed. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo*: diário de uma favelada. Série Sinal Aberto. São Paulo: Ática. 2001.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; LEVINE, Robert M. *Cinderela negra*: a saga de Carolina Maria de Jesus. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2015.

SALGUEIRO, Maria Aparecida Andrade. *Escritoras negras contemporâneas*. Estudo de narrativas Estados Unidos e Brasil. Rio de Janeiro, Editora Caetés, 2004.

SANTOS, Joel Rufino dos. *Carolina Maria de Jesus*: uma escritora improvável. Rio de Janeiro: Garamond; Fundação Biblioteca Nacional, 2009.

VOGT, Carlos. Trabalho, pobreza e trabalho intelectual. In: SCHWARZ, Roberto (org.). *Os pobres na literatura brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1983.